

Inês de Atienza e a representação da mestiçagem feminina em *La serpiente sin ojos*

Inés de Atienza y la representación del mestizaje femenino en *La serpiente sin ojos*

Francelina Barreto de Abreu (UFPA) *
Carlos Henrique Lopes de Almeida (UNILA) **

Resumo: Este artigo tem por objetivo refletir sobre a representação da mestiçagem na obra *La serpiente sin ojos* (2012) de William Ospina, por meio da descrição da figura feminina no cenário colonial do século XVI. Durante a leitura da narrativa histórica surgiram algumas inquietações quanto ao silenciamento, a subalternidade e o entrelugar em que a mulher mestiça vem sendo representada ao longo do tempo tanto na literatura quanto nos registros históricos da Amazônia e da América Latina como esse espaço geográfico em que estão os países que compõe a região amazônica cenário da narrativa. Considerando o exposto, destacamos a escolha de Ospina em evidenciar em seu romance temas que merecem um olhar mais atento como a mestiçagem na construção histórica e social do continente e suas representações por meio das obras literárias. Inês de Atienza se sobressai na narrativa como esse rastro/ reminiscência que emerge da narrativa e nos permite construir “visões” sobre o discurso histórico, sobre a mulher mestiça e a mestiçagem enquanto inquietação do autor e desta pesquisadora ao ler a narrativa. A metodologia para realização deste estudo é qualitativa de análise de material e como suporte usaremos as contribuições de Coutinho (2000), Spivak (2010), Gagnebin (2006).

Palavras-chave: Mestiçagem; Literatura; América Latina; Amazônia.

Resumen: Este artículo tiene por objetivo reflexionar a cerca del mestizaje en la obra *La serpiente sin ojos* (2012) de William Ospina por medio de la descripción de la figura femenina en el escenario colonial del siglo XVI. A lo largo de la lectura de la narrativa histórica surgieron algunas inquietaciones cuanto, al silenciamiento, la subalternidad y el entre lugar donde la mujer mestiza es representada a lo largo del tiempo tanto en la literatura cuanto en los registros históricos de la Amazonia y de la América Latina como ese espacio geográfico donde están los países que componen la región amazónica escenario de la narrativa. Considerando el expuesto, destacamos Ospina por evidenciar en sus novelas temas que necesitan una mirada mas detallada como el mestizaje en la construcción histórica y social del continente y sus representaciones por medio de las obras literarias. Inés de Atienza si sobresale en la narrativa como este ese rastro- reminiscencia que surge de la narrativa y nos permite constituir miradas a cerca del discurso histórico, a cerca de la mujer mestiza y el mestizaje en cuanto inquietación del autor, así como de la investigadora al leer la narrativa. La metodología para la realización de este estudio es cualitativa del análisis de material y como soporte utilizaremos las contribuciones de Coutinho (2000), Spivak (2010), Gagnebin (2006).

Palabras Clave: Mestizaje; Literatura; América Latina; Amazonia.

* Mestre em Letras Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras na mesma instituição. E-mail: francymes18@gmail.com/Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2576837299879701>.

** Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás(2013). Atualmente é professor adjunto IV da Universidade Federal da Integração Latino-americana. E-mail: carloshlalliteratura@gmail.com/Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9511564560016368>.

INTRODUÇÃO

A Amazônia como o cenário em que se desenvolve o romance *La serpiente sin ojos* (2012), seus rios e a floresta são o espaço que ao longo do tempo inquietou e segue inquietando a muitos viajantes, exploradores e ao mesmo tempo é também o lar e o meio de subsistência dos indígenas, caboclos e ribeirinhos. Ao longo de nossa trajetória acadêmica encontramos muitos discursos desde os mais estereotipados produzidos sobre a região até os mais críticos produzidos a partir de quem aqui habita e não se vê representado pelos primeiros.

Na produção literária como estudamos na disciplina Literatura da Amazônia, há questionamentos sobre a produção local e a sua rejeição e/ou não aceitação quanto ao cânone da literatura brasileira, diferente de outras literaturas regionais que foram integradas a produção nacional. O pesquisador Paulo Nunes (2008) em seu ensaio *Literatura paraense existe?* questiona a aceitação da literatura de escritores renomados de outros estados, literaturas estas que foram aceitas como integrantes do cânone nacional o que faz com que o pesquisador questione o porquê de escritores como Dacidio Jurandir e Lindanor Celina ainda não terem recebido a mesma “aceitação” que os escritores apresentados a seguir receberam, mesmo considerando que grande parte de suas produções locais abrangem temáticas comuns a realidade de outras regiões brasileiras. Paulo Nunes questiona:

Carlos Drummond de Andrade, por alguns considerado nosso poeta maior, nesta ótica, seria um expoente da literatura mineira? E Manuel Bandeira faria parte da literatura pernambucana? Jorge de Lima seria estudado somente por alagoanos? Oswald de Andrade é exclusivamente paulista? Os gênios, Machado de Assis e Guimarães Rosa, seriam classificados como pertencentes, respectivamente, às literaturas carioca e mineira? Será que nossa expressão literária nacional sobreviveria diante de tão incisiva fragmentação? (NUNES, 2008, p.2)

Essa discussão de reconhecimento e valorização da literatura amazônica pelo cânone brasileiro é também apresentada por outros estudiosos como o pesquisador Edilson Pantoja que enfatiza a necessidade de se manter uma literatura regional amazônica, destacando a importância do reconhecimento desses rasgos identitários locais que a tornam única em relação a produções literárias de outras regiões brasileiras.

E por fim, e não menos importante, citamos as contribuições do trabalho do

professor José Fernandez (2006) que aponta para a necessidade de um meio termo, nem tanto ao local, nem tanto ao nacional, mas uma entremeagem, que pode ser entendida, como o próprio pesquisador define, como estar entre os dois, a saber, o nacional e o regional, e por isso mesmo não se definir isoladamente como um ou outro.

A apresentação deste entremeio¹ é o ponto que buscávamos para trazer a luz da discussão a ideia de mestiçagem apresentada no romance de William Ospina, *La serpiente sin ojos* (2012). Primeiro, destacamos que a narrativa de viagem, caracterizada como romance histórico por recuperar personagens e fatos históricos, tem como cenário o Rio Amazonas. Segundo, porque apesar de ser uma narrativa construída sobre a região não é um discurso construído a partir dela, mas sobre a mesma. Terceiro, para esta investigação é necessário entender que a região amazônica está localizada em um espaço geográfico mais amplo denominado de América Latina, e, portanto, delimitações do *corpus* são necessárias para a nossa análise.

Desta forma, entender as múltiplas perspectivas locais, e em um espaço maior que diz respeito a essa parte do continente, são fundamentais, e possibilitam que observemos como questões problemáticas, como a discussão sobre a mestiçagem, não são realidades isoladas da Amazônia brasileira, assim como entender que a construção da ideia de América Latina significa considerar semelhanças e particularidades de cada país, de cada região, ao mesmo tempo que também nos permite compartilhar de realidades e dores que são comuns a esse macro continental. Em síntese, este texto fará um percurso do micro, como foi apresentado brevemente, a região amazônica para além das fronteiras brasileiras, ainda no período de viagens e dominação da região. Para o macro, perpassando a ideia de América Latina até chegarmos ao ponto em que transcorre a narrativa.

No tópico seguinte faremos algumas considerações sobre o que se entende por América Latina relacionando a região Amazônica para em seguida focarmos na construção da ideia de mestiçagem e a representação de Inês de Atienza no romance de Ospina.

¹ “Entremeio”, “entremeado”, são expressões utilizadas na linguagem coloquial de “ribeirinhos” e “caboclos” na Amazônia paraense. [...] É uma expressão que conota também a hibridez, por seu senso de ambiguidade e impureza. Mas opto pela “entremeagem” por seu caráter mais local, sem que perca o universal. Como o hibridismo, aponta para a diversidade quantitativa e qualitativa. [...] Uso o termo aqui no seu sentido mais etimológico, de “por de permeio”; “penetrar, atravessar”; “misturar, intermediar”; “mediação” (FERNANDES, 2004, p. 112)

OS RELATOS DE VIAGENS E A INVENÇÃO DA AMÉRICA

[O] Discurso de identidade na América Latina sempre se caracterizou por poderosatenção, marcada, de um lado pela presença dominante do olhar do colonizador, e, de outro, por tentativas nem sempre bem sucedidas, de desvio ou desconstrução desse olhar. (COUTINHO, 2003, p. 41)

Para iniciar este tópico levantamos algumas perspectivas discursivas sobre a América que trazem à tona questões inquietantes como aponta O'gorman (2010). Segundo o autor a América não foi descoberta, mas inventada, daí o título de sua obra *A invenção da América* (2010), perpassando o fato de que se constituiu a ideia de descoberta como uma grande farsa, segundo ele a América, o discurso que se disseminou sobre o continente nada mais é que uma grande invenção, cunhada pelos olhos do colonizador que passa a ditar as “verdades” ou “verdade” sobre o continente. Invenção ou não vale ressaltar como essas construções discursivas foram produzidas pela ótica dominante do invasor e perduraram por muito tempo. Assim, estamos diante de uma dominação completa, a saber, dominação territorial, cultural e ideológica.

Ao mesmo tempo conquistados e conquistadores não saíram os mesmos depois desse processo exploratório, e é neste ponto que trazemos para a observação a miscigenação não apenas da personagem Inês, mas atentamos também para o reflexo desse processo em todos os aspectos, a saber, a língua mestiça, a cultura mestiça, a religião mestiça, a identidade mestiça, ou seja, em todos os pontos que observarmos deste continente a mestiçagem se faz presente. Mas aprofundaremos melhor esses apontes iniciais no tópico destinado a ele. Por ora, seguimos com uma das possíveis definições dentre tantas outras sobre o que se compreende como América Latina. Mas o que é então?

A América Latina é uma construção múltipla, plural, móvel e variável, e, por conseguinte, altamente problemática, criada para designar um conjunto de nações, ou melhor, povos, que apresentam entre si diferenças fundamentais em todos os aspectos de sua conformação – étnicos, culturais, sociais, econômicos, políticos, históricos e geográficos -, mas que ao mesmo tempo apresentam semelhanças significativas em todos esses mesmos traços, sobretudo quando se os compara com os de outros povos. (COUTINHO, 2003, p. 42)

Compreender que apesar das inúmeras particularidades de cada povo que habita esse espaço territorial denominado de América Latina, entender a individualidade de “suas gentes”, e uso esse termo no plural devido a multiplicidade de culturas e povos

da região, é compreender que apesar de tudo há também uma grande semelhança, similitude talvez seja a palavra mais apropriada, que aproxima a todos seja no aspecto cultural, étnico, econômico, político e histórico conforme expôs o estudioso. Ainda sobre a definição de América Latina apresentada Coutinho (2003) esclarece que “Estamos empregando o termo cientes de suas limitações e ambiguidades, mas por outro lado conscientes de sua legibilidade em momentos expressivos do passado do continente e na semelhança dos problemas e situações que enfrentam hoje” (COUTINHO, 2003, p. 42).

Em se tratando da perspectiva construída sobre a região e seus povos, encontramos o discurso que apresenta certa dualidade, ou seja, a visão do conquistador transitava entre observar os povos originários:

[...] ou como idênticos a eles mesmos, projetando nos primeiros seus próprios valores, ou como diferentes, e conseqüentemente inferiores, justificando com isso, de uma maneira ou de outra, a sua subordinação. A América Latina era vista não pelos olhos destes, que raramente se erigiram como sujeitos desse discurso, mas pela ótica do conquistador, que na realidade já começara a “inventá-la” muito antes do desembarque em suas plagas.” (COUTINHO, 2003, p 43)

E desta forma se constitui também o imaginário sobre a região:

[...] é através das narrativas desses viajantes que aqui estiveram (ou não), escritas por homens de diferentes nacionalidades, compostas algumas vezes de anotações um pouco apressadas, que foi surgindo um vocabulário e todo um imaginário idealizado [...]. Isso acontece a partir do olhar do outro, do estrangeiro, daquele que vem de fora e não do olhar daquele que aqui vivia. (FERNANDES et al, 2020, p. 09)

Walter Mignolo (1981) também tece considerações sobre as produções escritas com foco na descrição do continente apontando três tipos de escritores, a saber, os que aqui estiveram desde o momento inicial “os escritores que têm acesso direto a informação, porque são testemunhos presenciais ou agentes dos acontecimentos que narram” os que chegaram anos depois da invasão, “os que viveram nas Índias mas depois dos acontecimentos que relatam” e os que nunca aqui estiveram e construíram sobre o que ouviram dos viajantes “aqueles escritores que a partir da Espanha, e em um lapso temporal posterior aos fatos que narram, baseiam-se nos documentos” (MIGNOLO, 1981, p. 387 tradução nossa). Partindo desses relatos se consolida o imaginário sobre a região.

O imaginário latino-americano, produzindo nas línguas europeias a

partir da chegada do primeiro navegador, forja-se assim como extensão do imaginário europeu e edifica-se nas crônicas da conquista sob o signo maravilhoso, ao qual se acrescenta o ônus legitimador da empresa colonizadora. (COUTINHO, 2003, p.43)

Em linhas gerais temos um discurso construído pela visão do dominador, direta ou indiretamente, as informações produzidas a princípio sobre a América Latina e, posteriormente, delimitando o espaço que nos interessa aqui, a Amazônia, são escritos das ideologias invasoras sobre o território e, por conseguinte, não representam a perspectiva dos povos originários.

O imaginário construído é uma aplicação de antigos mitos trazidos do outro lado do oceano e em sua maioria encontramos o encantamento com o “novo mundo” ou o estranhamento diante do encontro com os povos locais de culturas tão exóticas aos olhos europeus.

Adentrando nos estereótipos produzidos e aplicados na região encontramos a descrição da busca por *Eldorado*, a crônica de frei Gaspar de Carvajal sobre as mulheres guerreiras, sua surpreendente força e resistência, as Amazonas, e o idealizado *Pais da Canela*. Discursos díspares que em sua maioria inferiorizaram, e descreveram como monstruoso os seres que encontraram os viajantes.

Desse modo, descendem dos barcos as amazonas e gigantes, os canibais de um só olho e monstros de toda sorte usados como explicação para o que a ciência europeia não podia discernir, e emergem as cidades utópicas e as fontes de eterna juventude, o Eldorado e a Arcádia. (COUTINHO, 2003, p. 44)

La serpiente sin ojos (2012) é um romance de viagens que descreve a busca de Ursúa pelo *Eldorado*, em meio a tantas expedições realizadas em nome da coroa espanhola, ele busca autorização para ir em busca de mais ouro (Eldorado) e assim conhece a personagem de nossa análise, que embarca no sonho do conquistador e abandona tudo para ir com ele. Mas aprofundaremos isso no tópico seguinte, o exposto é apenas para situarmos a narrativa na descrição histórica do continente e da região amazônica e demonstrar que na obra é evidente em vários fragmentos a presença do imaginário apresentado.

A viagem e seu produto, isto é, o relatório, ou o texto sobre a viagem, eram motivados e ao mesmo tempo motivavam a expansão colonialista, reforçando preconceitos e, de certa forma, justificando

dominação de povos ‘superiores’. Era a conformação que existia em vários discursos, em que prevalecia uma visão da Amazônia como terra selvagem e inculta, desconhecida e misteriosa, indomável e rica, hostil e fascinante, de território virgem que deve ser conquistado, conhecido e explorado. (FERNANDES et al, 2020, p.10)

Do mesmo a memória histórica recuperada em relação a visão do outro, seja ele indígena, negro, caboclo ou ribeirinho, construções do “lugar social” de quem o escreveu e por conta disso não representa a perspectiva destes, mantendo uma homogeneidade na qual nem todos são ou estão representados de forma satisfatória, quase nunca isso acontece. “Na verdade, perpassou durante todo o período uma visão ambígua, ora do paraíso e do bom selvagem, ora do inferno e dos selvagens/canibais que habitavam [a região]”. (FERNANDES et al, 2020, p. 11)

Com efeito, a consciência moderna lia o nativo americano como o contrário do progresso: povos sem história, sem religião, sem escrita. Mas, por outro lado livres e nobres, sem leis, sem vícios e sem propriedades. Ou seja, há aqui a soma de duas visões: uma positiva para os europeus, povos civilizados, proclama as vantagens do progresso; outra positiva para os selvagens, denotando desencanto com a civilização”. (FERNANDES et al, 2020, p. 11)

Para além do exposto até agora nosso olhar não pode se restringir as construções discursivas do dominador que mostram um olhar marcado de ideologia sobre a Amazônia, a busca por uma completa emancipação das amarras da invasão colonizadora do continente inclui a liberdade ideológica, por mais que essa não seja uma tarefa fácil, pois corre-se o risco de cair na repetição dos moldes europeus.

Entretanto, muitos avanços são observados recentemente nos estudos realizados. Um exemplo disso se dá pela apropriação dos povos originários da escrita para eternizar suas lendas, mitos, histórias, eles que resistiram e resistem até a contemporaneidade e durante séculos foram tidos como povos sem história por não possuírem a escrita para narrar suas vivências, hoje apresentam uma vasta produção literária, com destaque para as escritoras indígenas femininas que assumem a representação de si no discurso literário, como exemplo citamos Eliane Potiguara e Julie Dorrico entre outras pesquisadoras que se apropriam da escrita para auto representar a si e aos seus. Neste sentido, mesmo considerando que muitos avanços são visíveis nas construções literárias atuais é importante considerar que:

[...] de um lado, há uma consciência crescente da necessidade de desenvolver um discurso próprio, que dê conta dos problemas específicos do continente, e, de outro, a dificuldade de afastar-se dos modelos europeus, presentes em todas as instâncias da vida social, econômica e cultural. (COUTINHO, 2003, p. 45)

Dadas as devidas esclarecimentos sobre o contexto latino-americano cenário da obra o ponto de destaque do romance de Ospina que trouxemos a luz da observação neste texto é a descrição da mestiçagem, o que nos inquieta é justamente descobrir o porquê de o autor em dois de seus romances destacar personagens mestiços. O primeiro é o narrador mestiço de *El país de la canela* (2008) abordado em outro texto e o segundo é a personagem feminina, nosso foco de discussão, Inês de Atienza em *La serpiente sin ojos* (2012) e é sobre isso que vamos discutir no tópico seguinte.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE A MESTIÇAGEM EM LA SERPIENTE SIN OJOS

Este sem sombra de dúvidas é um dos temas mais polêmicos ao observarmos as construções discursivas sobre a identidade do ser latino-americano. O termo é rejeitado por muitos estudiosos de raças, tido como negativo, pois descaracteriza e diminui o “ser” tornando-o inferior e indigno diante de outras raças, entendidas como “puras/superiores”. As linhas que seguem são considerações iniciais de uma pesquisa maior que se dará na tese de doutorado, e por isso incompleta e com dados iniciais que se complementarão com o aprofundamento da investigação.

Por ora, considerando o já exposto, nossa proposta aqui é demonstrar que a mestiçagem é a raiz que sustenta o que entendemos por América Latina e, por conseguinte, a base de formação ideológico e indentitária de todos os latinos e ao mesmo tempo que foi usada durante muito tempo como ferramenta para inferiorizar o diferente, pode-se transformar no instrumento de resistência e de representatividade.

A mestiçagem entendida neste trabalho como essa mescla de culturas de povos diferentes, que unidas terminam por formar um indivíduo novo, o mestiço².

² Mestiços são pessoas que descendem de duas ou mais raças diferentes, possuindo características de cada uma das raças de que descendem. Pode-se citar como exemplo, pessoas que tenham antepassados negros e brancos, asiáticos e brancos ou negros e ameríndios, mistura muito comuns nos países da América Latina. Disponível em: https://www.google.com/search?q=mesti%C3%A7o&rlz=1C1CHZL_pt-BRBR919BR919&oq=mesti%C3%A7o&aqs=chrome..69i57.2901j0j15&sourceid=chrome&ie=UTF-8 Acesso em: 30 de março de 2021.

Parafrazeando a definição de mestiço encontrada no dicionário online da UFRGS³, no início se misturou o que estava separado “corpus puros” tidos como elementos homogêneos. Desta forma, tem origem a “mistura/hibridação/mestiçagem, termos que adquirem conotações ambíguas dos quais se deve desconfiar porque supõem a existência de grupos puros, com o aspecto físico diferentes e separados por fronteiras ideológicas que a mescla destrói.

Escolhemos essa definição dentre tantas outras possíveis pela aproximação com o que encontramos ao analisar a personagem Inês de Atienza em *La serpiente sin ojos* (2012). O que inquieta na leitura da obra é a emergência que personagens subalternos⁵ adquirem na narrativa, e aqui destacamos os indígenas e, em especial, a mulher mestiça. A primeira descrição que encontramos da personagem na obra é a seguinte: “Meses depois da noite em que mataram a Atahualpa, próximo dali nasceu a filha do amor de Blas de Atienza com a irmã imperial. Por isso diziam que na noite em que morreu Atahualpa nasceu uma raça nova.” (OSPINA, 2012, p.31) O fragmento apresentado não diminui a personagem e tão pouco aponta a mestiçagem como um elemento negativo, ao contrário, aproxima a mescla de raças como um acontecimento importante que marca o começo de uma nova era. “Por isso diziam que na noite em que morreu Atahualpa nasceu uma raça nova” (OSPINA, 2012,p.31). O que se consolida de fato na configuração do cenário latino-americano que se formou a partir de então no continente:

Assim via crescer a sua filha mestiça, cada dia mais bela, com grandes olhos oblíquos de índia, com cabelos negros cheios de estrelas, com dentes brancos de princesa das montanhas, com pupilas cinza pérola de mulher castelhana, com lábios vermelhos de cigana, com uma pele de canela que ninguém havia rejeitado como andaluza, mas com as maçãs do rosto altas característica das filhas do sol. (OSPINA, 2012, p.33)

A apresentação poética do nascimento e a descrição da menina mestiça, expõe os traços espanhóis observáveis nela e, ao mesmo tempo, descreve com delicadeza os traços indígenas que herdou de sua mãe. No fragmento é possível observar ainda o cuidado em apontar um marco que tem origem com a morte do rei inca, poeticamente

³ Mestiço - Síntese do dominante e do dominado, do civilizado e do selvagem, do branco e do pele-vermelha, do conquistador e do conquistado. Na sua origem a palavra vem do latim para qualificar aqueles nascidos de pessoas/pais de raça diferente: filho mestiço de branca e negro. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/cdrom/laroche/mestico.htm> Acesso em: 30 de março de 2021

a sua morte deu início ao nascimento de uma nova raça representada pelos traços da menina mestiça.

Mas a narrativa não se limita em apontar a descrição da mestiçagem desconsiderando toda a negatividade que o termo assumiu ao longo dos séculos seguintes na América Latina, ao contrário, o autor faz questão de demonstrar o ar de superioridade que os ditos de “raça pura” assumiram diante da agora mulher Inês de Atienza.

Desdenharam dela como a uma pequena rejeitada que havia sido recolhida por caridade; quando ficou órfã não se compadeceram, mas sonharam que desaparecessem entre a massa escura dos derrotados, mas quando foram advertidos de que legalmente havia herdado terras e bens, casas grandes e minas, índios, móveis e louças a invejaram por sua beleza, ficaram com medo de seu poder e por sua vida fronteira entre o distante mundo espanhol e os túmulos da cordilheira. (OSPINA, 2012, p. 41)

O desejo que imperava era de que ela sumisse, não aceitavam o fato de ela ser reconhecida pelo pai como sua herdeira e por isso apossar-se de todos as propriedades após a sua morte. Essa atitude da sociedade da época pode ser esclarecida com os estudos de Aníbal Quijano sobre o “lugar” de cada raça no período:

[...] a codificação das diferenças entre conquistadores e conquistados na idéia de raça, ou seja, uma supostamente distinta estrutura biológica que situava a uns em situação natural de inferioridade em relação a outros. Essa idéia foi assumida pelos conquistadores como o principal elemento constitutivo, fundacional, das relações de dominação que a conquista exigia. (QUIJANO, 2005, p. 117)

Inês por ser filha da indígena irmã de Atahualpa era vista pelas pessoas a sua volta como inferior e por isso foi rejeitada. A única razão para ter sido “aceita” por todos se dá no momento em que ela se torna a mulher mais rica da região. Seus bens, propriedades possibilitaram que todos “engolissem” a sua participação social.

Mas como vimos no fragmento, a farsa do grupo social dominante é aclarada pelo autor ao descrever os comentários sobre Inês, as mulheres vinham a sua casa e buscavam defeitos, desajustes ao modo de organização do lar das mulheres espanholas, e ainda que frustradas, pois sua casa era impecável, elas não deixavam de buscar motivos para inferiorizá-la.

Neste sentido, podemos identificar que Inês está no entre-lugar (SILVIANO

SANTIAGO 2000), uma vez que não é aceita completamente pela sociedade colonial na qual vive e, tão pouco se confirma na sociedade indígena de sua mãe, considerando que nunca conviveu naquele lugar. Há traços da cultura Inca que são perceptíveis em sua casa como as rezas e o artesanato, entretanto, essa não aceitação da personagem por nenhum dos dois povos lhe configura o estado de não pertencimento, o entremeio das duas culturas.

Ela apresenta traços de indígena como “grandes olhos oblíquos de índia, com cabelos negros cheios de estrelas, com dentes brancos de princesa das montanhas” e também características europeias “com pupilas cinza pérola de mulher castelhana, com lábios vermelhos de cigana, com uma pele de canela que ninguém havia rejeitado como andaluza”, mas não pertence a nenhum dos dois mundos. E como mestiça que é, emerge da narrativa como um rastro ao qual se enveredou por ser descoberto “é a presença de uma ausência”. Conforme afirma Gagnebin (2006), um passado que se faz presente por meio de sua existência, a memória da violência que inquieta e, portanto, existe. Sua presença neste “lugar social” e ao mesmo tempo do seu não pertencimento sinaliza todas as vozes silenciadas na construção histórico-cultural da América Latina que ecoam por meio de Inês.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese observamos que no início da obra há uma tentativa de quebrar a negatividade do termo por meio do encantamento poético, compreende-se que tal posicionamento se dá em virtude de uma tentativa de valorização dos rasgos característicos que dão a América Latina essa beleza única que a difere de todas as outras regiões e culturas do mundo e como é necessário que se enfatize esse ponto. Entretanto, tal postura do eu-poético não o exime de apontar, ainda que sutilmente, os preconceitos e o não lugar que a mestiçagem ocupou durante muito tempo no cenário latino-americano. Partimos desse caráter identitário, mas transitamos também para o aspecto ideológico representado pela escrita que se constitui no continente.

Longe destas poucas linhas trazerem uma solução para tudo o que sem tem questionado ao longo do tempo sobre a mestiçagem, ao contrário, nosso propósito se completa ao trazer novos questionamentos em um momento de consolidação de representatividades. Momento no qual as vozes representam a si mesmas e superam o silêncio histórico a que foram submetidas. A mestiçagem se apresenta como esse tema que

merece um olhar mais profundo e talvez por meio de estudos mais detalhados seja possível alcançar uma ruptura com as amarras do silenciamento e do negacionismo histórico.

REFERÊNCIAS

- COUTINHO, E.F. Mestiçagem e multiculturalismo na construção da identidade cultural latino-americana. In: **Literatura comparada na América latina: ensaios**. Rio de Janeiro:EdUERJ, 2003.
- FERNANDES, J. G. S. Literatura brasileira de expressão amazônica, literatura da Amazônia ou literatura amazônica? **Graphos**, V.6, n.2, 2004. Disponível em <https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/9540>
- FERNANDES. M. L; CARVALHO. F.A; CAMPOS. C. Nas pegadas dos viajantes. In: **Sobre viagens, viajantes e representações da Amazônia**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2020.
- GAGNEBIN, J. M. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed 34., 2006.
- MIGNOLO, W. D. El metatexto historiográfico y la historiografía indiana. **Modern Languages**, Notes, v. 46, John Hopkins University Press. 1981. p. 358-402
- NUNES, P. J. M. Literatura paraense existe? In: BARROS, Paulo Tarso. **Blog: literatura no Amapá**. Amapá, 15 jan. 2008. Disponível em: <http://escritoresap.blogspot.com/2008/01/artigo-do-professor-paulonines.html>. Acesso em: jan.2020.
- O’GORMAN, Edmundo. **La invención de América**. Fondo de Cultura Económica. Disponível em :< https://cursosluispatinoffyl.files.wordpress.com/2014/01/la-invencion-de-amc3a9rica-o_gorman.pdf>. Acesso em 7 de jan. 2021.
- OSPINA, W. **La serpiente sin ojos**. Barcelona, Mondadori, 2012.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: QUIJANO, Aníbal. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO. 2005. p. 117-142. Disponível em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em: 20 out. 2020.
- SANTIAGO, S. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: **Uma literatura nostrópica: ensaios sobre dependência cultural**. 2ªed. Rio de Janeiro: Rocco. 2000.
- SPIVAK. G.C. **Pode o subalterno falar**. Belo Horizonte: editora UFMG, 2010.